



C A P Í T U L O 9

MEMÓRIAS DE PROCESSOS DE AQUISIÇÃO LINGUÍSTICA POR SURDOS DE LETRAS LIBRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO (UFERSA)

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2872503099>

Francisca Mariana de Souza Bezerra

Mifra Angelica Chaves da Costa

Eldio Pinto da Silva

RESUMO: Muito se debate sobre pessoas que já nascem surdas, mas quase nunca se discute sobre as que nasceram ouvintes e, por alguma razão, perderam a audição. Esses sujeitos, muitas vezes, enfrentam um processo desafiador de reconstrução da sua identidade, porque elas precisam se adaptar a uma nova realidade. O objetivo é analisar as memórias e as experiências de pessoas com perda auditiva no curso de Letras-Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). - *Campus* Caraúbas, e como sucedeu a aquisição linguística desses sujeitos na Libras. Os autores que ancoram a nossa pesquisa são: Quadros (2004)., com o texto “Libras: a língua dos surdos no Brasil”; Strobel (2008)., com o livro “As imagens do outro sobre a cultura surda”, Monteiro (2016). com o texto “Surdez e diagnóstico: narrativas de surdos adultos”, e Viera (2010). com o texto “Doenças infecciosas e perda auditiva”. Esse trabalho é de abordagem qualitativa e pesquisa de campo. Os sujeitos da pesquisa são duas surdas do curso de Letras- Libras que, após perderem a audição, aprenderam Libras, conviveram com pessoas surdas e também começaram a se identificar como surdas. Os principais resultados obtidos foram: Aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras). representando um passo decisivo para o desenvolvimento comunicativo, social e identitário de pessoas que perderam a audição ao longo da vida; foi observado o papel crucial das suas famílias para a aceitação e desenvolvimento dos surdos, os problemas que eles enfrentaram, os receios iniciais e, principalmente, as vitórias ao longo dessa jornada. As memórias narradas evidenciam o impacto emocional e social da perda auditiva adquirida e revelam como a Libras foi essencial não apenas para a comunicação, mas também para a reconstrução da autoestima, da identidade e do sentimento de pertencimento à comunidade surda.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Aquisição Linguística; Memórias; Perda auditiva.

MEMÓRIAS DE LOS PROCESOS DE ADQUISICIÓN LINGÜÍSTICA POR PARTE DE LIBRAS SORDOS EN LA UNIVERSIDAD FEDERAL DEL SEMIÁRIDO RURAL (UFERSA)

ABSTRACT: There is much debate about people who are born deaf, but rarely is there discussion about those who were born hearing and, for some reason, lost their hearing. These individuals often face a challenging process of reconstructing their identity, as they must adapt to a new reality. The objective is to analyze the memories and experiences of people with hearing loss in the Libras program at the Universidade Federal Rural Semi-Árido (UFERSA). – Campus Caraúbas, and how their language acquisition unfolded in Libras. The authors who anchor our research are: Quadros (2004), with the text “Libras: a língua dos surdos no Brasil”; Strobel (2008), with the book *As imagens do outro sobre a cultura surda*; Monteiro (2016), with the text “Surdez e diagnóstico: narrativas de surdos adultos”; and Viera (2010), with the text “Doenças infecciosas e perda auditiva”. This work uses a qualitative approach and field research. The research subjects are two deaf women studying Língua Brasileira de Sinais (Libras), who, after losing their hearing, learned Libras, interacted with deaf people, and also began to identify as deaf. The main results obtained were: Learning Brazilian Sign Language (Libras) represents a decisive step in the communicative, social, and identity development of people who have lost their hearing throughout their lives; the crucial role of their families in the acceptance and development of deaf individuals was observed, as well as the challenges they faced, their initial fears, and, most importantly, the victories along this journey. The memories narrated highlight the emotional and social impact of acquired hearing loss and reveal how Libras was essential not only for communication but also for rebuilding self-esteem, identity, and a sense of belonging to the deaf community.

KEYWORDS: Libras; Language Acquisition; Memories; Hearing Loss.

RESUMO EM LIBRAS



INTRODUÇÃO

A transição da condição ouvinte para a surda representa não apenas uma mudança sensorial, mas sobretudo um processo de ressignificação identitária. O sujeito ao se tornar surdo, nesse contexto, passa a reconstruir sua forma de estar no mundo, desenvolvendo novas maneiras de comunicação e pertencimento social e cultural, o que demanda reconhecimento e valorização de sua experiência singular. A perda auditiva para alguém que nasceu ouvinte é quase sempre uma experiência desafiadora, isso porque o indivíduo se vê inserido em uma nova cultura: a cultura surda. Muitas vezes, aqueles que perderam a audição, na maioria dos casos, relutam em iniciar um novo aprendizado, isso acontece, seja por parte do indivíduo e/ou pela própria família. As alternativas clínicas como transplante coclear, uso de aparelhos auditivos e práticas de oralização transmitem a ideia de “cura”, levando os familiares a resistirem que o surdo aprenda a Língua Brasileira de Sinais (Libras)., no entanto, essas alternativas frequentemente mostram-se insuficientes.

No contexto familiar predominantemente ouvintes, a presença de um membro surdo pode gerar medo e insegurança. Diante disso, a família frequentemente se torna a principal força motriz para a construção do ser humano, influenciando profundamente a formação da identidade e o desenvolvimento pessoal de seus membros. Para além disso, aceitar que o filho se torna surdo é fundamental para o desenvolvimento da sua identidade surda. Muitas vezes, as pessoas carregam crenças estereotipadas sobre o surdo, a sua língua, imaginando que ela implica em isolamento e falta de comunicação. No entanto, ao se reconhecerem como parte da comunidade surda, esses indivíduos podem superar esses preconceitos e valorizar suas diferenças.

Assim, esta pesquisa é motivada, a partir de vivências desenvolvidas no contexto de um curso de extensão voltado à educação em ambientes hospitalares e que, depois de uma reflexão, foi identificada uma lacuna na formação docente para atuar em contextos não escolares. Esta experiência aconteceu com um paciente oncológico da cidade de Governador Dix-Sept Rosado, alfabetizado em Língua Portuguesa e inserido no mundo ouvinte, que, diante da perda auditiva durante o tratamento, identificou, junto com sua família, a Libras como alternativa viável de comunicação, devido à gravidade de sua condição de saúde, ele não pôde participar desta pesquisa, mas essa experiência foi inspiradora para buscar conhecer a história de surdos que nasceram ouvintes.

Pensando nisto, o problema deste trabalho se constitui em saber: Como foi o processo de pessoas que perderam a audição e começaram a aprender a Libras para interagir com o mundo de maneira mais efetiva? Tem como objetivo geral: analisar as memórias e as experiências de pessoas com perda auditiva no curso

de Letras-Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). *Campus* Caraúbas e como sucedeu a aquisição linguística na Libras desses sujeitos. Os objetivos específicos ficaram assim sistematizados: identificar os desafios e as possibilidades na aprendizagem da Libras por pessoas com perda auditiva; explorar as dificuldades enfrentadas e possibilidades na transição da língua materna para uma segunda língua. Os autores que ancoram a pesquisa são: Quadros (2004)., com o texto “Libras: a língua dos surdos no Brasil”; Strobel (2008)., com o livro “As imagens do outro sobre a cultura surda”; Monteiro (2016). com o texto “Surdez e diagnóstico: narrativas de surdos adultos” e Viera (2010). com o texto “Doenças infecciosas e perda auditiva”.

A metodologia é de abordagem qualitativa e estudo de campo. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas presenciais com a participação de duas entrevistadas do curso de Letras- Libras da UFERSA, *Campus* Caraúbas, que vivenciaram a perda auditiva. As participantes são duas mulheres: uma que perdeu a audição em decorrência de um acidente automobilístico e a outra se tornou surda em razão de uma doença. A partir da surdez, suas famílias passaram a buscar novas formas de comunicação, o que influenciou diretamente no desenvolvimento linguístico e na construção de suas identidades. A aceitação da nova condição foi fundamental para enfrentar os desafios iniciais e possibilitar a aproximação com a cultura surda.

Este trabalho é estruturado da seguinte maneira: primeiramente, temos a introdução com a contextualização do tema, problema, justificativa. No tópico seguinte temos o referencial teórico, o qual aborda a **surdez e a perda auditiva**, explicando suas causas e consequências no cotidiano de quem vive essa realidade. Em seguida, o texto destaca a **família e memórias** como peça fundamental no processo de aceitação, apoio emocional e linguístico da pessoa surda como também traz reflexão sobre as lembranças que contribuem para a construção da identidade e do pertencimento. O tópico sobre **educação em espaços escolares e não escolares** reflete sobre os desafios enfrentados por surdos no acesso à aprendizagem, tanto dentro como fora da escola. Já a **aquisição linguística** trata do papel da Libras como ferramenta essencial para o desenvolvimento da comunicação. A **identidade surda** é apresentada como uma construção social e cultural que se fortalece a partir das relações com a comunidade surda. A **metodologia** descreve o tipo de pesquisa realizada, o local onde foi desenvolvida, quem participou do estudo. Nas **análises e discussão**, utiliza-se como abordagem central da pesquisa, permitindo uma investigação aprofundada das vivências de surdos do curso de Letras-Libras da UFERSA. Por fim, as considerações finais e as referências.

SURDEZ E PERDA AUDITIVA

Durante o desenvolvimento deste estudo, tornou-se essencial compreender a diferença entre surdo e deficiente auditivo. Segundo o Decreto nº 5.626/2005, vejamos:

I – pessoa surda: aquela que, tendo perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras; II – pessoa com deficiência auditiva: aquela que possui perda auditiva, mas que pode utilizar, com ou sem o uso de aparelhos auditivos, a língua oral como meio de comunicação.

(Brasil, 2005, Decreto nº 5.626/2005, Art. 1º, § 1º).

Embora ambos tenham perda auditiva, suas formas de comunicação e vivência são distintas. É por meio da Libras e da cultura visual que o sujeito surdo constrói seu reconhecimento identitário, estabelecendo vínculos e compartilhando experiências no convívio com outros surdos, ele faz parte da comunidade surda. Enquanto a pessoa com deficiência auditiva, em geral, gosta de interagir quase exclusivamente com os ouvintes, utiliza da oralização e faz uso, na maioria dos casos, de aparelhos auditivos. Perceber essa diferença foi fundamental para respeitar as particularidades de cada trajetória. Mais do que uma questão técnica, trata-se de reconhecer identidades, modos de ser e de se posicionar diante das experiências do cotidiano.

A surdez pode surgir de várias causas e se manifestar de maneiras distintas, afetando pessoas em diferentes idades. De acordo com Honora (2014, p. 34), quanto à aquisição, a perda auditiva ocorre:

Congênita: quando o indivíduo nasce com a deficiência. Neste caso, a Surdez é considerada pré-lingual, ou seja, estava presente antes da aquisição da linguagem.

Adquirida: quando o indivíduo nasce ouvindo e perde a audição no decorrer da vida. Neste caso, a Surdez é pré-lingual ou pós-lingual, dependendo de a sua ocorrência ter acontecido antes ou depois da aquisição da linguagem.

Na infância, o tratamento adequado para quando se nota o declínio da audição, pode ter um impacto significativo, de forma que a criança desde cedo tenha acesso a uma segunda língua alternativa, aprimorando seu desenvolvimento linguístico e reparando os danos causados pela perda vivida.

As condições que afetam a capacidade de ouvir, compreender sons e influenciam na comunicação dos indivíduos, podem ser definidas a partir dos termos surdez e perda auditiva. Tendo em vista a relevância de compreender acerca destes conceitos, apresenta-se a abordagem aplicada por Vieira (2010, p. 1). que classifica em dois tipos principais, conforme visto a seguir:

A perda auditiva condutiva ocorre quando há um problema na condução do som através do ouvido externo ou médio, geralmente devido a obstruções como tampões de cera ou infecções. Já a perda auditiva neurossensorial é causada por problemas nas células sensoriais do ouvido interno (cóclea), ou nas vias nervosas que transmitem informações sonoras ao cérebro, sendo frequentemente resultante de doenças infecciosas ou traumas.

Saber a diferença entre a perda auditiva, condutiva e neurosensorial é fundamental para o entendimento das diferentes formas de comprometimento auditivo. Desse modo, compreender essas diferenças é importante para conduzir da forma assertiva na escolha do tratamento. Para isso é importante que a família esteja engajada e comprometida, pois ela contribui de forma positiva para a criação de um ambiente de desenvolvimento favorável para criança surda.

FAMÍLIA E MEMÓRIAS

Quando uma criança nasce ouvinte e, perde a audição seja por doenças ou acidentes, a família enfrenta um desafio. A reação dos parentes ocorre pelos pensamentos estereotipados da “criança ideal”. Skliar e Quadros (2000, p. 19). argumentam que “O estereótipo da surdez é frequentemente ligado à ideia de deficiência, implicando incapacidade, incompetência, falta, falha ou insuficiência”. Essa visão pode ser limitante e não reflete a realidade das pessoas surdas, que possuem sua própria língua e interagem socialmente na luta pela ocupação de espaço na sociedade. Isso envolve um confronto aos responsáveis, entre o “filho idealizado” e a realidade da surdez. Algumas crianças surdas nascem em famílias ouvintes, que geralmente não têm experiência direta com a surdez, Relly (2004). destaca que essa realidade é comum, já que a maioria das famílias ouvintes não está preparada para lidar com a diferença linguística e cultural, o que pode gerar um impacto emocional intenso e/ou um choque inicial, pois os familiares precisam se acostumar com uma nova realidade.

O diagnóstico cria no núcleo familiar desconforto e insegurança com a situação, gerando sentimentos de tristeza, culpa e impotência. Por sua vez, os pais precisam lidar com o medo de que a perda auditiva afete significativamente o futuro de seus filhos, preocupando-se com questões como a capacidade de comunicação, vida em sociedade e as oportunidades educacionais e profissionais. Nessas condições em que os pais se sentem impotentes em relação à condição dos filhos, muitos se apegam a orientação clínica de “cura”, que no momento lhes parece ser a alternativa mais adequada.

O medo e a sensação de estranheza em relação a cultura surda, muitas vezes, incompreendido pelas famílias ouvintes, levam a uma escolha que prioriza a adaptação ao mundo ouvinte, Strobel (2008, p. 50). retrata sobre a família:

Já teve casos em que muitas famílias ouvintes foram pedir opinião ao povo surdo e optaram depois em colocar o filho surdo na cultura ouvinte seguindo conselhos de muitos especialistas também ouvintes. O anseio de tornar seus filhos surdos “normais” perante a sociedade falou mais alto, pois as famílias ouvintes no meio da comunidade surda sentiram-se “estrangeiras”, porque é um mundo diferente que não compreendem e com o qual se assustam.

Percebemos o dilema comum enfrentado pelos familiares ouvintes com filhos surdos. Ao buscar opinião na comunidade surda, as famílias acabam optando em inserir seus filhos na cultura ouvinte, sendo influenciados por especialidades ouvintes que apoiam o uso de aparelhos, cirurgias, oralização ou quaisquer meios que os fazem ser parecidos com os ouvintes, isso se reflete no desejo de “normalizar” os filhos surdos diante da sociedade, apresentando como única forma de aceitação social. Apesar da família enfrentar desafios, ela é a base de toda formação do indivíduo, sendo indispensável no momento de aceitação. É neste núcleo que começamos a entender o mundo, formar princípios, valores e superar barreiras.

O que vivemos nesse ambiente impacta diretamente na forma de ver a vida (positiva ou negativamente). e na maneira de como nos relacionamos com os outros. Conforme Ferreira (2021, p. 13)., “[...] a família é o primeiro contato social do ser humano com o mundo. A partir dela, são construídos seus valores, seus saberes, seus sentimentos. Este vínculo familiar proporciona o desenvolvimento do indivíduo no seu tempo e espaço”. A surdez não deve ser vista como um problema, mas sim como uma diferença que pode ser abordada com respeito e empatia. Quer-se reforçar a família como um ambiente social em que o indivíduo começa a interagir e aprender, é um pilar fundamental para essa inserção do surdo na sociedade, ela precisa ser a primeira e mais empenhada em fazer parte do desenvolvimento linguístico do surdo. Mais do que uma ferramenta para as necessidades essenciais, a Libras é uma língua que contempla também atividades informais, de forma que não deve ser usada por seus usuários apenas dentro de espaços escolares, mas em ambientes de descontração coloquialmente, em conversas de amigos, é necessário lembrar frequentemente, que este é o principal meio de comunicação do surdo.

É importante enfatizar que o contato precoce com a comunidade surda e a aquisição da Libras desde a primeira infância são de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional e social da criança surda. A Libras, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão pela Lei nº 10.436/02, é regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05, que assegura o direito de acesso à Libras em diversos contextos sociais, educacionais e institucionais. A introdução da Libras no cotidiano familiar e educacional permite que a criança surda construa sua identidade, fortaleça sua autoestima e se integre de forma plena à comunidade surda e à sociedade em geral.

Com apoio adequado e adaptação ao novo cenário, muitas famílias descobrem que ser surdo não diminui o potencial de seus filhos. Com dedicação e recursos apropriados, é possível superar os desafios e construir um futuro promissor. Diante das memórias construídas nesse processo, principalmente dos primeiros contatos com a Libras, das descobertas e superações diárias. Tornam-se bases significativas na formação identitária, refletindo vivências, referências culturais, linguísticas e fortalecem a confiança da criança.

E se falando em memória, quer-se destaca-la como uma função cognitiva fundamental para aprender, guardar e usar o conhecimento. Ela possibilita que as pessoas, no geral, registrem as suas vivências, organizem dados e apliquem o que aprendeu em diferentes situações do cotidiano.

Como destaca Brites (2021)., “[...] a memória tem um papel fundamental na aprendizagem, pois permite o reaproveitamento das experiências do passado e do presente e ajuda a garantir a continuidade do aprendizado”. O trabalho da memória tem etapas de codificação, guarda e pegar os dados pedindo situações que apoiem atenção repetição com sentido ou ligação com eventos reais da vida. Para Piaget (1970)., a memória está associada ao processo de construção ativa do conhecimento, onde o sujeito interage com o meio e reestrutura constantemente seus esquemas mentais. Vygotsky (1934)., por sua vez, considera que a memória é moldada por processos de mediação social, sobretudo pela linguagem, ferramenta essencial no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Ao se observar a memória sob a perspectiva da pessoa surda, é essencial considerar aspectos sensoriais, linguísticos e culturais que influenciam diretamente sua cognição. O desenvolvimento da memória nesses indivíduos não depende da surdez em si, mas das vivências sociais e do acesso à linguagem ao longo da vida.

A aprendizagem da pessoa surda é predominantemente visual, o que implica outras formas de codificação e resgate da informação, distintas daquelas baseadas na oralidade. Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004, p. 30). afirmam que “[...] a Libras é a língua natural dos surdos e é por meio dela que esses sujeitos constroem o conhecimento e organizam o pensamento”, evidenciando o papel central da língua de sinais na estruturação da memória e da aprendizagem. Quando o ensino não considera essa base linguística, há prejuízos no processo de internalização e fixação do conhecimento, Vygotsky (1934). destaca que a linguagem é essencial para o desenvolvimento das funções cognitivas superiores, como a memória, por meio das interações sociais que o indivíduo internaliza. Para alunos surdos, isso significa que a aprendizagem ocorre de forma mais eficaz quando sua língua e cultura são respeitadas na escola. Portanto, é fundamental contar com professores que dominem Libras, intérpretes qualificados e o uso de recursos visuais que auxiliem a aprendizagem.

Compreender a memória do aluno surdo exige mais do que apenas adaptar os conteúdos, é preciso valorizar sua forma visual de aprender e garantir o uso pleno da Libras como língua de ensino, isso implica adotar práticas bilíngues que respeitem o ritmo e o modo como processam as informações visualmente, além de fortalecer sua identidade cultural. Como aponta Brites (2021)., a aprendizagem se torna mais sólida quando o estudante consegue conectar suas experiências passadas e atuais, sentindo-se plenamente acolhido e compreendido. Além disso, a educação

de surdos não se limita ao ambiente escolar formal. Espaços não escolares, como grupos culturais, associações de surdos e atividades comunitárias, desempenham papel fundamental no desenvolvimento da identidade linguística e social desses indivíduos.

AQUISIÇÃO LINGÜÍSTICA DE SURDOS EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES

Na legislação brasileira, podemos encontrar uma diversidade de leis que endossam a inclusão de surdos nos espaços escolares como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). nº 9.394/96, que estabelece os princípios e normas para a educação brasileira, buscando assegurar a qualidade e a igualdade no acesso ao ensino, ela é um marco fundamental para a organização e funcionamento do sistema educacional brasileiro. A LDB estabelece as normas gerais sobre a educação no Brasil, abrangendo desde a educação infantil até o ensino superior. A LDB ainda tem como um aspecto fundamental a faixa etária especialmente no que se refere à definição das etapas e modalidades da educação. De acordo com a LDB Lei nº 9.394/1996, Art. 4º:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro). aos 17 (dezessete). anos de idade, organizada da seguinte forma: a). pré-escola; b). ensino fundamental; c). ensino médio. (Brasil. 1996).

A LDB reforça o compromisso com a universalização do ensino, buscando assegurar o direito à aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes em todas as fases da educação básica. Temos também a Lei de Libras nº 10.436/02, que discorre:

Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. (Brasil, 2002).

Percebe-se o papel do poder público e das empresas concessionárias de serviços públicos na promoção da acessibilidade linguística para a comunidade surda. Nesse sentido, a lei foi regulamentada pelo decreto nº 5.626/05, que detalhou uma série de prescrições a respeito do ensino de Libras nas escolas. No Art. 23 deste decreto, vê-se um direito que garante a presença do tradutor- intérprete de Libras:

As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação. (Brasil, 2005).

As leis estão em processo gradativo de implementação, muitos avanços já são constatados com relação a acessibilidade linguística, embora se saiba que ainda precisa avançar. Vale ressaltar que os surdos estão assegurados na Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Libras. A proposta de garantir o aprendizado Libras como primeira língua e o ensino do português escrito como segunda, está expressa na Lei nº 14.191/21, que trata da organização da educação bilíngue para estudantes surdos, surdocegos, surdos com altas habilidades e com deficiência auditiva. Apesar dos avanços normativos, o caminho até uma prática educacional, realmente, acessível para todos ainda exige tempo, investimento e comprometimento contínuo.

Na realidade educacional, observa-se que, embora a educação bilíngue para surdos esteja presente no ordenamento jurídico e nas políticas públicas, sua implementação plena ainda está em processo de consolidação. Este direito deveria ser sanado com o Art. 22 do decreto nº 5.626/05. Vejamos a seguir:

As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de: I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. (Brasil, 2002).

Além destas citadas, existem outras que alicerçam a educação inclusão e que em suas disposições vê-se um plano ideal, que ampara os indivíduos surdos em suas individualidades, mas que na prática possuem lacunas que refletem nestes alunos que não gozam de suas garantias. Esses fatores contribuem para o déficit de aprendizagem das pessoas surdas. Além disso, esse déficit também pode ocorrer em ambientes não escolares, onde faltam sinalizações adequadas e profissionais qualificados com os conhecimentos necessários para atender os surdos. Por isso, a comunidade surda luta incansavelmente pela criação de mais escolas bilíngues no país.

A aprendizagem nos ambientes escolares é indispensável, mas quando se trata de aprender uma nova língua para uso cotidiano, é necessário à sua utilização em sociedade, em lugares que se disponha da língua em desenvolvimento como acontece em: associações, igrejas, ambientes artísticos, locais públicos. É nesses ambientes que o indivíduo passa a interagir e fazer parte deste meio com um novo olhar: a perspectiva surda. Coelho (2012, p. 146). retrata com base em Vygotsky, sobre suas teorias, apresenta uma visão de que as características humanas não são inatas nem simplesmente resultado das condições externas ao indivíduo:

Vygotsky trabalha com teses dentro de suas obras nas quais são possíveis descrever como: à relação indivíduo/ sociedade em que afirma que as características humanas não estão presentes desde o nascimento, nem são simplesmente resultados das pressões do meio externo. Elas são resultados das relações homem e sociedade, pois quando o homem transforma o meio na busca de atender suas necessidades básicas, ele transforma-se a si mesmo.

Esse processo contínuo de adaptação e transformação mútua mostra como estamos sempre em desenvolvimento, influenciados tanto pelas necessidades individuais quanto pelo contexto social em que estamos inseridos. É uma visão dinâmica e complexa do ser humano, que nunca está isolado, mas em permanente interação com o entorno social e cultural.

Tanto os processos de aprendizagem formal quanto os informais são fundamentais para o desenvolvimento integral do indivíduo, sendo a interação um elemento central nesse percurso. Para a pessoa surda, contudo, essa interação precisa ocorrer por meio de uma língua visual e plenamente acessível, como a Libras, a fim de garantir uma aquisição linguística efetiva e significativa. Ressalte-se que a aquisição da linguagem é um processo multifacetado que envolve o desenvolvimento das habilidades de compreender, produzir e usar a linguagem para comunicação. A aquisição linguística em crianças é um tema central nos estudos de linguística e psicologia, pois permite compreender como o processo de aquisição de uma língua ocorre em contextos diferentes, como descrito por Quadros e Cruz (2011, p. 16):

A criança adquire a linguagem na interação com as pessoas à sua volta, ouvindo ou vendo a língua ou as línguas, que estão sendo usadas. Embora a linguagem envolva processos complexos, a criança “sai falando” ou “sai sinalizando” quando está diante de oportunidades de usar a língua (ou as línguas). Ela experimenta a linguagem em cada momento de interação, acionando a sua capacidade para a linguagem mediante o contato com a língua usada no ambiente. Qualquer criança adquire a linguagem quando dispõe das oportunidades naturais de aquisição.

A percepção de que a criança “sai falando” ou “sai sinalizando” é interessante, porque sublinha que a língua não é algo imposto, mas sim algo que emerge conforme a criança cresce em um ambiente permeado por múltiplas linguagens e modos de interação. Esse processo de aprendizagem é acessível a qualquer criança, desde que tenha um contexto adequado para isso. A aquisição da linguagem pela criança surda, especialmente por meio da Libras segue o mesmo princípio natural descrito no trecho acima, ela aprende a língua, a partir das interações que tem com o ambiente ao seu redor. Em relação a criança surda, a língua de sinais se torna o meio natural de comunicação, substituindo a fala. Quando a criança tem acesso a esse ambiente, seja em casa e/ou em uma escola adequada, ela começa a “sair sinalizando”, ou seja, a se expressar de forma espontânea e natural.

Destaque-se que a Libras possui uma estrutura gramatical própria, sendo uma modalidade visual-espacial, e têm sido objeto de estudo para entender como esses aspectos impactam a aquisição da língua. De acordo com Pizzio e Quadros (2011), a aquisição da língua de sinais segue um padrão muito semelhante à aquisição de línguas orais, com crianças surdas, especialmente aquelas que crescem em lares onde a língua de sinais é usada naturalmente, desenvolvendo suas habilidades linguísticas de forma fluida. Como as crianças ouvintes, as crianças surdas passam por

fases distintas de aquisição linguística, com etapas como o balbúcio, a formação das primeiras palavras e a construção das primeiras frases. Nesse contexto, a exposição ao *input* linguístico adequado é crucial para o desenvolvimento da competência linguística.

A aquisição da linguagem nos primeiros anos, é crucial para o desenvolvimento integral de qualquer criança, sendo a base para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Para as crianças surdas, o acesso a Libras desde os primeiros anos de vida é essencial. Quando esse acesso é tardio, o desenvolvimento linguístico pode ser prejudicado, trazendo sérias consequências para a aquisição de competências acadêmicas e sociais, assim como mostra Roldão (2023, p. 12):

[...] Citamos a questão da menor eficiência no processamento linguístico da LS, quando comparadas com sinalizantes nativos. Além disso, ressaltamos que sinalizadores tardios apresentam uma base fonológica enfraquecida, isso pode ocasionar um efeito cascata que atrasa o processamento da língua; provocando atrasos na decodificação e reconhecimento dos sinais e aumentando, assim, a carga de memória de trabalho.

Roldão (2023). menciona sobre o “efeito cascata”, que implica em não ter acesso precoce à Libras, o surdo acaba enfrentando dificuldades não só na compreensão da língua, mas também em outras áreas cognitivas, comprometendo sua aprendizagem e comunicação de forma geral. Ela continua:

[...] os surdos com aquisição tardia em LS são menos eficientes em processamento gramatical, como, por exemplo, apresentam maior susceptibilidade a erros de concordância verbal. Outros efeitos são constatados nas pesquisas, como fraca utilização dos classificadores, uso de poucas referências espaciais e possíveis atrasos na proficiência em leitura de uma segunda língua (L2). (Roldão, 2023, p. 12).

Isso reforça a importância de garantir o acesso precoce à Libras para que as crianças surdas possam se desenvolver plenamente, tanto em termos de linguagem quanto de outras habilidades cognitivas e acadêmicas. O que fica claro é que a exposição antecipada à língua é essencial para o sucesso no aprendizado e na comunicação.

Para Karnopp (2014)., a exposição à linguagem nos primeiros anos de vida é crucial para que a criança desenvolva uma estrutura linguística sólida e um vocabulário adequado, o que ocorre de forma mais eficaz se a criança for exposta a uma língua completa e funcional desde cedo. No caso do surdo, quando a exposição ocorre por meio da Libras, desde a primeira infância, além do desenvolvimento linguístico, há também o fortalecimento da identidade surda. Isso porque, ao ter acesso à sua língua natural e ao convívio com outros surdos, a criança começa a se reconhecer como parte de uma comunidade cultural própria.

IDENTIDADE SURDA

Na sociedade, os indivíduos são moldados em torno de valores, crenças e práticas que são transmitidas através da cultura, que implica em dizer que geração após geração tem sua forma de vida impressa no outro e assim sucessivamente. Silva (1998, p. 58). defini que “a identidade cultural ou social é o conjunto dessas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos[...]”. O termo identidade cultural ou social explicando que nós indivíduos coletivos nos distinguimos em grupos a partir de características específicas. A partir disto podemos definir superficialmente a identidade surda como um grupo social que tem especificidades em comum. Para definir o conceito de identidade surda, Perlin (1998, p. 19). diz que: “as identidades surdas são construídas a partir das relações e vivências dos sujeitos surdos, não sendo generalizáveis dentro de um mesmo grupo”. Isso significa que a identidade surda é construída historicamente e não biologicamente, então dessa forma não temos predisposição genética, mas a partir do desenvolvimento nós reconhecemos como tal e passamos a fazer parte de um meio. Como Perlin (2016, p. 52). destaca “a identidade é algo em construção contínua”. Isso mostra que a forma como nos vemos enquanto indivíduos pode mudar ao longo do tempo à medida que interagimos com diferentes culturas e comunidades. Para isto, essa construção da identidade permite uma reflexão profunda sobre quem somos e como queremos nos posicionar no mundo. Promover uma compreensão fluida das identidades é essencial para desafiar os estereótipos predominantes na sociedade ouvinte.

Ainda com base em Perlin (1998)., pode-se organizar a identidade surda seis tipos diferentes, que são elas: **Identidade surda** é construída por meio da convivência com outros surdos, especialmente em ambientes culturais. Ao se conectar com seus pares, o sujeito surdo fortalece sua identidade, resgata e valoriza sua história e cultura, compreendendo a surdez como um aspecto positivo e central de sua vida. **Identidade política** envolve a conscientização e militância dos surdos, que reconhecem sua diferença e a necessidade de recursos visuais. Ela é crucial na luta pelos direitos e pela valorização da cultura surda, embora, para alguns, como filhos de pais ouvintes, essa realidade possa ser desafiadora. **Identidade surda híbrida** refere-se a pessoas que perderam a audição ao longo da vida e, por isso, vivenciaram tanto a cultura ouvinte quanto a surda. Com domínio do português oral e da Libras, elas transitam entre os dois universos, mas, conforme se aproximam da língua de sinais, tendem a fortalecer seus laços com a comunidade surda. **Identidade surda de transição** ocorre quando pessoas surdas, principalmente filhas de pais ouvintes, passam a se reconhecer como parte da comunidade surda. Apesar dessa mudança, ainda carregam marcas da identidade ouvinte, o que impacta a construção de sua nova identidade. **Identidade surda intermediária ou incompleta** refere-se a surdos cuja vivência é marcada por forte presença da cultura ouvinte, o que dificulta

sua inserção plena na comunidade surda e gera uma sensação de pertencimento instável e fragmentado. **Identidade surda flutuante** caracteriza-se por uma vivência entre os dois mundos, surdo e ouvinte, sem identificação plena com nenhum deles. Alguns rejeitam a cultura surda; outros a aceitam por necessidade, o que leva a uma identidade fragmentada e indefinida.

Dentro de um contexto mais amplo que inclui Perlin (1998)., a ideia de identidade híbrida pode ser interpretada como a maneira pela qual indivíduos e grupos constroem sua identidade, a partir de múltiplas influências, especialmente em contextos pós-coloniais ou de mudança política e social. Assim, a identidade híbrida é o resultado da convivência e fusão de elementos distintos – como língua, valores, crenças e comportamentos – que, juntos, formam algo novo, dinâmico e em constante transformação. Essa identidade não é fixa, mas moldada pelas experiências e pela convivência com diferentes culturas.

Diante disso, a pessoa surda ver a identidade surda como um elemento fundamental para a construção do “eu”, que emerge de uma construção social dinâmica, formada pelas interações contínuas entre o indivíduo e o ambiente em que ele está inserido. Portanto, a compreensão da identidade surda requer uma abordagem sensível e respeitosa, que reconheça a diversidade e a singularidade das experiências de cada indivíduo surdo, evitando simplificações e generalizações que possam desconsiderar a riqueza e a complexidade dessa identidade.

METODOLOGIA

O presente estudo visa analisar as experiências de duas pessoas que perderam a audição e passaram a aprender a Libras como meio de interagir com o mundo. Apresentaremos os caminhos metodológicos percorridos pela pesquisa.

TIPO DA PESQUISA

Para alcançar esse propósito, optou-se por uma abordagem qualitativa, que, segundo Gil (2008, p. 42)., “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Com isso entende-se que a pesquisa qualitativa não busca mensurar dados ou estabelecer relações estatísticas, mas sim interpretar significados, percepções e experiências vividas, permitindo uma aproximação mais profunda com o objeto de estudo. Por ser uma entrevista que inclui o contato direto com as pessoas engajadas no seu espaço social, esta pesquisa é de campo, que segundo Lakatos e Marconi (2003). é quando o pesquisador vê os eventos direto no sítio que eles estão acontecendo, com o objetivo de compreender a partir da realidade observada. Com base nisto, a escolha metodológica fortaleceu a etapa investigativa, possibilitando dados mais consistentes, pois os resultados foram bons, contextualizados, valorizando a escuta das trajetórias pessoais e as experiências das participantes.

Com base nisto, realizou-se um levantamento de informações por meio de entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas que incentivaram respostas espontâneas, detalhadas e presencialmente. Participaram da entrevista, uma aluna surda e uma professora surda, ambas com histórias de perda auditiva na infância. As entrevistas abordaram temas como o contato inicial com a língua de sinais, e a relação com a língua portuguesa, os desafios enfrentados na comunicação, e na reconstrução da sua identidade, e as influências familiares e escolares nesse processo de aquisição linguística. A escolha da entrevista como técnica principal se deu pela necessidade de acessar memórias e narrativas pessoais, muitas vezes marcadas por experiências únicas e emocionais. A escuta atenta e respeitosa das participantes permitiu construir uma compreensão mais sensível e profunda sobre como a linguagem foi sendo incorporada e ressignificada no decorrer do tempo.

LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), instituição pública de ensino superior localizada no estado do Rio Grande do Norte, a qual desempenha papel fundamental no cenário educacional do semiárido nordestino. A UFERSA conta com campus situados em: Mossoró, Caraúbas, Angicos, Pau dos Ferros e Serra de São Bento.¹

Dentro desse contexto, destaca-se o curso de Letras-Libras, ofertado pelo campus de Caraúbas, que representa um avanço significativo no compromisso da instituição com a inclusão e a valorização da diversidade linguística e cultural. O curso busca formar profissionais capacitados para atuar na educação bilíngue, como professores de Libras que irão atuar, principalmente, nos Anos Finais, Ensino Médio, e na promoção da acessibilidade comunicacional. Ao oferecer esse curso, a UFERSA contribui para a formação de professores e intérpretes comprometidos com a comunidade surda, além de incentivar pesquisas que fortalecem a identidade surda e os direitos linguísticos.

A UFERSA atua por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, promovendo formação acadêmica voltada para as necessidades sociais e regionais. É nesse contexto que a presente pesquisa foi realizada, tendo como cenário o campus da universidade no município de Caraúbas. O ambiente acadêmico inclusivo e a presença de profissionais surdos atuando na instituição possibilitaram o encontro entre as participantes da pesquisa.

¹ O Projeto Pedagógico do Curso (PPC), de Letras-Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), orienta a formação dos estudantes com base em princípios de criticidade, ética e inclusão. O documento ressalta a relevância de uma formação sólida na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecendo esta última como um pilar fundamental na constituição da identidade surda e na promoção do diálogo intercultural. Além disso, o PPC enfatiza a articulação entre teoria e prática, incentivando a participação em estágios, projetos de extensão e atividades de pesquisa. Ao valorizar a diversidade linguística e cultural, o curso busca preparar profissionais capazes de atuar de forma sensível, qualificada e comprometida com as diferentes realidades sociais que envolvem a comunidade surda.¹

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Com base nos relatos de duas mulheres surdas que, apesar de não se conhecerem anteriormente, construíram um vínculo no ambiente universitário. Ambas perderam a audição na infância e compartilham vivências marcadas por desafios e descobertas no processo de aquisição linguística.

A primeira participante é uma aluna surda que no momento da pesquisa estava no 9º período de um curso de licenciatura na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). No momento da coleta de dados, ela estava na fase de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e era orientanda de um professor surdo. Durante sua trajetória na universidade, passou a conviver mais de perto com a segunda participante. A segunda participante é uma professora surda que já atua há 8 anos na UFERSA.

O roteiro da entrevista foi composto por sete perguntas. As entrevistas foram realizadas de maneira individual, de modo que a resposta de uma não interferisse na outra. Segue abaixo o roteiro das perguntas:

1. Você se lembra de como foi o processo de adaptação após a perda auditiva? Quais aprendizados marcaram essa fase da sua vida?
2. Como foi sua experiência em relação à aquisição linguística, tanto na língua oral quanto em Libras? Houve momentos específicos que facilitaram ou dificultaram esse aprendizado, se sim quais?
3. De que maneira sua família participou do processo de adaptação à perda auditiva? Como o apoio familiar influenciou sua identidade e aprendizagem da Libras?
4. Quando e como você entrou em contato com a Libras pela primeira vez? Quais foram suas impressões iniciais e como isso afetou sua comunicação e interação social?
5. Com o tempo, como você passou a compreender e valorizar a identidade surda? Há algum momento marcante que ajudou a consolidar essa compreensão?
6. Quais os principais desafios e possibilidades de se tornar surdo? Quais as suas principais memórias desses momentos?
7. Olhando para o futuro, quais os seus sonhos, projetos pessoais e coletivo de luta com a comunidade surda?

As entrevistas foram realizadas no dia 9 de dezembro de 2024, as 13h até as 14h com a primeira entrevistada e das 14h às 15h com a segunda entrevistada, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas, em locais distintos para cada participante: a entrevista com a Vitória ocorreu na biblioteca,

enquanto a de Valentina foi realizada na sala dos professores. Cada entrevista teve duração aproximada de duas horas e foi conduzida em Libras, sem a presença de intérpretes, tanto no momento da construção quanto na transcrição dos dados. As gravações foram feitas por meio de celular, com registro audiovisual, o que possibilitou uma posterior análise mais precisa das expressões e respostas fornecidas pelas participantes.

As trajetórias de ambas revelam vivências distintas, mas igualmente significativas, que contribuem para ampliar o entendimento sobre a aquisição da linguagem em diversos contextos. Esses relatos, carregados de memórias e significados, abrem caminhos para a análise aprofundada a seguir, onde essas experiências serão exploradas de forma mais detalhada.

ANÁLISES E DISCUSSÃO

Neste processo, irá se destacar alguns aspectos percebidos por meio das respostas das participantes. Inicialmente, é relevante destacar que os nomes utilizados ao longo da pesquisa são pseudônimos, adotados com o objetivo de preservar a identidade das participantes, conforme os princípios éticos da pesquisa. Os nomes “Vitória” e “Valentina” foram escolhidos não apenas para garantir o anonimato, mas também por representarem simbolicamente traços e atitudes observados em seus relatos, como força, luta e empoderamento de mulheres surdas. Assim, a participante 1 será identificada como Vitória (aluna surda)., e a participante 2, como Valentina (professora surda).

Vitória perdeu a audição quando tinha 3 anos de idade, a mesma sofreu um acidente automobilístico, o que ocasionou a perda da audição. Hoje, é estudante do curso de Letras- Libras na UFERSA. Valentina trabalha na universidade. Ela nasceu ouvinte, mas perdeu a audição aos 2 anos de idade por intercorrência de uma meningite.

Inicialmente já é possível identificar alguns pontos importantes das entrevistadas, Vitória perdeu sua audição em um momento em que, uma criança em pleno desenvolvimento, já se passou pelo período de aquisição linguística. Pode-se reiterar tal afirmação com os estudos feitos por Quadros e Cruz (2011, p. 16)., onde destacam que uma criança aos 3 anos de idade já possui:

Linguagem compreensível para estranhos. Usa orações. Começa a diferenciar tempos e modos verbais. Idade das “perguntas”. Usa artigos e pronomes. Inicia singular e plural. Há a chamada “explosão de vocabulário”, ou seja, a criança incorpora ao seu dicionário mental uma quantidade grande de palavras. (Quadros e Cruz, 2011, p. 16).

Dessa forma, entende-se que, Vitória ao perder sua audição já era hábil em sua língua materna, o português. Para ela e sua família, esse seria um momento de um recomeço, com a aquisição da Libras. Valentina, por sua vez, não tinha ainda a

idade de 3 anos, mas ainda segundo, Quadros e Cruz (2011, p. 16). uma criança aos 2 anos de idade já tem algumas habilidades linguísticas desenvolvidas, como: “Usa frases com mais de um elemento. Usa substantivos, verbos, adjetivos e pronomes. Primeiras combinações substantivo-verbo e substantivo-adjetivo. Uso frequente do “não”. Seu vocabulário varia de 50 a algumas centenas de palavras”.

O uso de frases com mais de um elemento, como substantivos combinados com verbos e adjetivos, torna a comunicação mais clara e expressiva. A presença de pronomes ajuda na coesão, e o uso do “não” é comum para negar ou limitar ideias. Mesmo com vocabulário reduzido, é possível construir falas com sentido completo e bem estruturadas.

Valentina, inclusive, faz colocações interessantes sobre suas memórias antes da perda auditiva, quando lhe questionado acerca de suas memórias neste processo de adaptação, ela diz:

Quando eu nasci, era ouvinte. Aos 2 anos de idade, meu pai sempre chegava do trabalho, ele dizia “sapato”, eu escutava, entendia e logo ia pegar para entregar a ele. Mas um dia fiquei doente. Depois de melhorar e voltar para casa, meu pai disse:

“Filha, pega o sapato para mim.” Eu, brincando, respondi que não estava escutando e continuei brincando. Ele repetia várias vezes, falava, falava... e percebeu que eu não olhava para ele enquanto ele falava. Foi aí que minha mãe decidiu me levar ao médico, preocupada com o que estava acontecendo. Após os exames, o médico confirmou que eu havia perdido a audição. A partir daquele momento, me tornei surda. Mesmo assim, minha vida seguiu em frente. (Valentina, Caraúbas, 2024).

Essas lembranças indicam que Valentina ainda tem memórias auditivas. É possível perceber as primeiras mudanças que viriam a acontecer na sua vida, o seu relacionamento com a família e parentes. O simples gesto de “pegar os sapatos” destacado por ela, demonstra um contato familiar, que demarcava, por exemplo, a chegada do pai em casa. É através do contato linguístico entre pais e filhos, que acontece grande parte do desenvolvimento de uma criança, em sua fala ela expõe não só necessidades primárias, como: comida, água, sono, mas expõe necessidades de afeto, de conversa, dúvidas sobre o mundo que está descobrindo. A perda auditiva e, conseqüentemente, a falta de uma língua, pode culminar em diversas lacunas, que podem e devem ser preenchidas por uma nova aquisição linguística através da Libras.

Vitória respondendo a mesma pergunta também expôs suas memórias, Vitória respondeu do seguinte modo:

Quando eu era criança, parecia uma pessoa ouvinte, ouvia normalmente. Mas depois de um acidente, perdi a audição e deixei de ouvir completamente. Minha mãe, preocupada com meu futuro, me levou para São Paulo. Lá, eu sempre praticava. Primeiro, ela me levou ao médico, depois para a fonoaudióloga e também ao otorrinolaringologista. Ela queria me motivar, me ajudar a me desenvolver e a aprender. Minha mãe não queria que eu parasse, que desistisse. Ela sempre pensava em como seria o meu futuro, por isso me apoiava e me incentivava o tempo todo. (Vitória, Caraúbas, 2024).

O grupo familiar é um pilar central indispensável, como é citado por Souza (2023), se faz necessário destacar a família como sendo imprescindível para o desenvolvimento e a formação identitária dos surdos, pois ela é o berço da aceitação, acolhimento e inclusão desses sujeitos. É perceptivo que em ambas as memórias, o olhar atencioso das famílias, que estavam dispostas a fazerem o que fosse necessário para ver a filha se desenvolvendo junto com as demais crianças, ir à escola, ter um trabalho e uma vida social. Apesar do esforço em aprender uma nova língua, este é um ponto difícil de ser abordado em muitos lares, e que dificulta em muitos aspectos a convivência e o relacionamento com os familiares. Veremos nos relatos a seguir a gratidão expressada pelas entrevistadas, mas ao mesmo tempo a lacuna deixada pela falta do contato linguístico com a família.

O segundo questionamento abordou a experiência em relação à aquisição linguística, tanto na língua oral quanto em Libras, assim como os momentos específicos que facilitaram ou dificultaram esse aprendizado.

Vitória trouxe as seguintes reflexões:

É difícil, não é fácil. No começo, minha comunicação era só por oralização. Minha primeira língua foi o Português oral, e a segunda, a Libras. Primeiro, aprendi Libras e, só depois, consegui focar mais na oralização. É difícil entender algumas palavras, principalmente no Português escrito, porque às vezes falta compreensão. A fonoaudióloga ensina, mas o processo é demorado. É preciso ter calma e entender que é possível aprender, sim — mas não é só o fono que pode ajudar. A família também pode contribuir. No meu caso, minha mãe me ajudou depois, aprendendo o básico de Libras. Esse apoio faz toda a diferença. (Vitória, Caraúbas, 2024).

É perceptível como a oralização faz parte do processo de aquisição linguística de surdos que nasceram ouvintes, mas isso não significa que este é um meio pertinente. A oralização faz parte do processo diante das circunstâncias de aceitação familiar e médica, porém este método dificulta e atrasa em muitos casos o aprendizado de uma nova língua.

No caso de Vitória, sua família incentivava a utilizar o método de comunicação total, que segundo Quadros (2006), é uma abordagem que cada indivíduo pode se beneficiar de diferentes maneiras para se comunicar, e por isso propõe o uso simultâneo dessas ferramentas para promover uma comunicação. Como pode ser vista em sua fala ela: *“minha mãe me ajudou depois, aprendendo o básico de Libras. Esse apoio faz toda a diferença”*. Em algumas ocasiões ainda se vê grande insistência da família ou dos médicos que buscam uma “cura”, para que o surdo aprenda a oralizar, para que o surdo se torne ouvinte. Este esforço, gera no surdo e na família, uma expectativa irreal, de que a oralização é a saída “mágica”, como bem citado por Vitória quando disse: *“A fonoaudióloga ensina, mas o processo é demorado”*. A oralização como método de ensino, ao decorrer da história já demonstrou seus resultados ineficazes e psicologicamente dolorosos. Apesar de ser plausível o esforço,

este “básico” descrito ainda não supre as necessidades humanas de comunicação. É importante que além de aprender o básico, como colocado pela entrevistada, a família consiga de desenvolver amplamente em uma segunda língua, para que preserve a comunicação, o relacionamento e o apoio.

Esta contribuição familiar é ainda mais indispensável quando se trata de uma criança, Vitória aos 3 anos de vida, tem toda sua rotina e língua mudada, assim, seu progresso linguístico dependerá, principalmente, da perspectiva de seu núcleo familiar, quanto a aquisição linguística. Vejamos o relato de Valentina:

Tive contato com a Libras por volta dos 7 ou 8 anos. Quando tinha 4 anos, minha mãe procurou escolas que aceitassem crianças surdas, mas era sempre a mesma resposta: “Não aceitamos.” Ela perguntou a várias diretoras, em várias escolas, mas nenhuma aceitava uma criança surda. Cansada, voltou para casa. Mas a preocupação com o meu desenvolvimento e aprendizado não deixava ela quieta. Certa vez, enquanto eu brincava do lado de fora da casa, uma mulher passou, me observou, e perguntou à minha mãe: “Sua filha é surda?” Minha mãe respondeu que sim. A mulher contou que existia uma escola chamada Escola Estadual Normalista — este é o sinal. Disse também que lá havia outros surdos e que tinha fonoaudiólogos. Minha mãe ficou surpresa e muito animada com a notícia. Rapidamente organizou tudo e me levou até a escola. Chegando lá, perguntou à diretora: “Vocês aceitam minha filha surda?” E a diretora respondeu: “Sim, aceitamos! Pode entrar, seja bem-vinda. Vamos estudar.” Foi aí que tive meu primeiro contato com Libras. Comecei também a frequentar sessões com a fonoaudióloga. Eu praticava bastante, mas tinha dificuldade para diferenciar sons parecidos, como “BEL” e “MEL”. Todos os dias eu tentava, mas não via progresso. Até que, um dia, durante o intervalo na escola, vi um grupo de alunos surdos conversando entre si com as mãos. Fiquei muito curiosa, observando tudo, mesmo sem entender nada. “O que é isso com as mãos?”, eu pensava. Continuei com as sessões de fono, e meus pais às vezes até participavam, mas toda vez que acabava a aula, eu corria para observar aquele grupo de surdos. Com o tempo, fui percebendo que a sinalização combinava mais comigo, era algo natural. Por isso, decidi parar com as sessões de fono e pedi para continuar estudando Libras. Queria me acostumar a sinalizar. Graças a Deus, minha mãe aceitou e apoiou minha decisão. Minha família entendeu que esse era o caminho certo para mim. (Valentina, Caraúbas, 2024).

Através do exposto podemos perceber como é inevitável que as famílias, a priori, enveredem para a ideia de “cura”, principalmente quando falamos da época em que se passa esse momento da sua vida, por volta de 1989. Nesta época não haviam legislações no Brasil que tratassem a respeito do surdo, só 3 anos depois surge a lei nº 8.160, de 8 de janeiro de 1991, para tratar a respeito da identificação do surdo:

É obrigatória a colocação, de forma visível, do «Símbolo Internacional de Surdez» em todos os locais que possibilitem acesso, circulação e utilização por pessoas portadoras de deficiência auditiva, e em todos os serviços que forem postos à sua disposição ou que possibilitem o seu uso. (BRASIL, 1991).

Esta lei apesar de sua importância, ainda não possui as descrições que respeitem o acesso a língua e cultura surda em sua integridade. Significa dizer que Valentina no auge de seu desenvolvimento cognitivo e linguístico, não poderia ter acesso ou garantias do Estado em relação a seu desenvolvimento escolar. Apenas com a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 é começa-se a garantir legalmente a Língua Brasileira de Sinais para os surdos. A expressão “Portadores de deficiências” era comum,

no entanto, com o avanço dos debates sobre inclusão e respeito à diversidade, esse termo está em desuso. Atualmente, o mais adequado é utilizar «pessoa com deficiência», pois essa forma coloca a pessoa em primeiro lugar, reconhecendo sua individualidade antes de qualquer condição.

Dessa forma, compreende-se as lacunas envolvendo o processo de escolarização das entrevistadas e, além disso, a pouca informação a respeito do ensino da Libras. Isto explica a grande influência oral em ambas entrevistadas, é perceptível como, elas, muitas vezes, em seus discursos optam pela oralização em vez da língua de sinais.

Posteriormente, foi abordado sobre a influência da família neste processo de adaptação à perda auditiva, assim como a atuação dos pais na construção de sua identidade e o desejo por adquirir uma nova língua, a Libras. Vitória por sua vez, fez colocações sobre suas memórias e perspectivas:

Minha família sempre me apoiou. Eles se preocupam comigo, me ajudam, me motivam e sempre pensam de forma positiva sobre o meu futuro. Apesar disso, minha família não quis aprender Libras. Mesmo assim, me incentivaram a me mudar para São Paulo, pois lá existem mais oportunidades, escolas com outros surdos que usam Libras para se comunicar, além de fonoaudiólogos preparados para motivar e ensinar pessoas surdas. O médico disse à minha mãe que eu era surda e que não conseguia ouvir porque havia perdido a audição. Mas é importante entender que não existe tratamento mágico que faça a audição voltar 100% de forma rápida. É um processo demorado. Em São Paulo, a fonoaudióloga fazia avaliações constantes. Eu usava aparelho auditivo por muito tempo, mas mesmo assim não conseguia ouvir perfeitamente. Desde pequena, enfrentei muitas dificuldades. Eu rejeitava o aparelho auditivo, não queria usá-lo, não queria ouvir. Nada disso acontece de forma rápida, é um processo longo, que exige paciência e tempo. (Vitória, Caraúbas, 2024).

Esta mesma indagação foi feita para a segunda entrevistada, Valentina, embora com suas próprias palavras, respondeu de modo semelhante a Vitória. Ela faz a divisão das respostas em dois momentos, primeiramente um relato de sua família (pai e mãe). e depois fala da vida em sua casa, com seu marido e filho. Valentina expressa que:

Na minha família, a maioria não sabe nada sobre identidade e cultura surda. Mesmo assim, continuo me encontrando com eles, embora insistam em se comunicar apenas através da oralização. Às vezes eu consigo entender, outras vezes não. Quando isso acontece, eles precisam me explicar com exemplos para que eu compreenda. Se a pessoa oralizar devagar, consigo entender o que ela quer dizer. As pessoas da família que têm mais intimidade comigo já sabem como conversar, mas pessoas de fora, da sociedade em geral, geralmente falam muito rápido, e a comunicação acaba falhando. Por isso, em muitos contextos, preciso da presença de um intérprete. Sempre que estou com minha família, acabo usando a oralização. Já na comunidade surda, uso a Libras. Não acredito que seja obrigatório escolher apenas uma forma de comunicação. Uso a oralização com minha família e a Libras com a comunidade surda. Justamente por esse uso dividido, tive um atraso na aquisição da Libras. Mas quero, cada vez mais, ter contato com a comunidade surda e aprender com ela. Minha família é bem tradicional e, infelizmente, ainda utiliza o termo “muda”, o que mostra como desconhecem a identidade e a cultura surda. Já corriji minha mãe, expliquei que esse termo é incorreto e falei sobre outros aspectos da vida de uma pessoa surda. Ela diz que acha interessante o que aprendeu, mas continua me chamando de “muda”, e isso me incomoda muito. Não gosto quando me chamam assim. [...] (Valentina, Caraúbas, 2024).

Percebe-se que a família foi muito importante para o desenvolvimento de Valentina, a não participação da mesma em relação a cultura, língua, de modo profundo também tem seus impactos. E como a entrevistada relata que teve um atraso na aquisição da Libras, estes impactos parecem ser negativos. Ainda se destaca neste trecho o uso de termos inadequados como “muda”, este termo é visto na comunidade surda como pejorativo, sendo que há muitos anos de luta para que a sociedade trate o surdo como: surdo, não como mudo, surdo-mudo, entre outros. Como aponta Gesser:

Muitos ouvintes têm sobre os surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo o qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles. Não a atoa, as nomeações pejorativas anormal. Deficiente, débil mental, mudo, surdo-mudo, mudinho, tem sido equivocadamente atributos a esses indivíduos. (Gesser, 2009, p. 21).

No relato da entrevistada, isso fica evidente, pois o uso do termo “mudo” causa desconforto e é percebido como inadequado. O vocábulo mudo do qual a entrevistada retrata, não é bem visto por ela e chega a incomodar como destacado acima. Vale ressaltar também que este termo é inadequado. A pessoa surda não é muda, ela apenas não ouve, mas possui as cordas vocais preservadas, o termo correto é “surdo”, e utilizá-lo corretamente é uma forma de respeito à identidade. Essa recomendação é respaldada por entidades como a Federação Mundial dos Surdos e o próprio Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais (Libras). no Brasil e nunca utiliza o termo “surdo-mudo” em sua redação.

Valentina continua retratando a respeito de sua família, desta vez fala do núcleo de sua casa, com seu marido e filho:

[...] quero falar um pouco sobre minha vida familiar. Tanto meu marido quanto meu filho sabem pouquíssimo de Libras, o que acaba me influenciando a usar mais a oralização em casa. Às vezes me sinto culpada por isso, pois sei que preciso motivá-los a aprender Libras. Quero ensiná-los aos poucos, com aulas práticas, e depois eles podem continuar usando a oralização normalmente. Quando estamos juntos, a comunicação entre nós flui bem porque eles oralizam devagar, o que me ajuda a entender. Mas sei da importância de eles aprenderem Libras, não apenas para se comunicarem comigo, mas também com meus amigos surdos quando nos visitam ou quando estivermos em algum restaurante, por exemplo. Quero que eles saibam pelo menos o básico da Libras, para que possam interagir com naturalidade com a comunidade surda e não se sintam perdidos ou desconectados. (Valentina, Caraúbas, 2024).

Mais uma vez Valentina expressa as adversidades de conviver com ouvintes não-sinalizantes, a desconexão entre a família e o indivíduo surdo, a falta de relacionamentos com amigos que compartilham da mesma língua. Um trecho da narrativa que demonstra a necessidade da comunicação na Libras com seus familiares é quando Valentina revela que: “Às vezes me sinto culpada por isso, pois sei que preciso motivá-los a aprender Libras”. Ela diz se sentir “culpada” por em casa fazer uso somente da oralização e tem consciência da importância e que pretende estimulá-los, através de cursos básicos para a aprendizagem da Libras para que eles consigam se comunicar no lar e em outros espaços de convivência com os surdos.

Em seguida, as duas foram questionadas a respeito de seus primeiros contatos com a Libras, assim como suas impressões iniciais, seus impactos na comunicação e interação social. Vitória revela que:

É muito diferente, não tem como ser igual. Minha família não sabe Libras, eles se comunicam apenas de forma oral. Às vezes, quando falam algo, eu não entendo e pergunto: «O que foi que você falou?» Peço para explicarem com mais calma, falando devagar e mais baixo, porque preciso visualizar bem a boca para conseguir entender através da leitura labial. Assim, consigo compreender melhor. Mesmo sabendo que uso aparelho auditivo e que consigo falar e ouvir em alguns momentos, minha família não aprendeu Libras como forma de comunicação. Eu até ensino um pouco para a minha mãe, mas ela só sabe o básico da Libras. No geral, entre todos da família, apenas uma pessoa sabe um pouco — e mesmo assim, muito pouco. Na minha família, a comunicação é toda baseada na oralização. Se alguém quiser convidar uma pessoa surda ou ter contato com ela, é necessário chamar um intérprete para ajudar na interação, porque ele consegue ver o que está sendo falado e traduzir para mim. (Vitória, Caraúbas, 2024).

De fato, como descreve inicialmente Vitória, as estruturas linguísticas da LIBRAS e do português são muito distintas, a primeira se utiliza dos espaços: visual-gestual, enquanto a segunda é oral-auditiva. Gesser (2009, p. 33). destaca que “a língua de sinais tem a estrutura própria, e é autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística”. Tramitar entre elas é um processo que exige domínio de ambas línguas.

Assim, para o surdo se utilizar de uma língua oral, como expressei nos relatos de Vitória, é difícil e maçante, exigindo um sentido que o surdo não dispõe. Valentina expressou que *“Durante o intervalo na escola, vi um grupo de alunos surdos conversando entre si com as mãos. Fiquei muito curiosa, observando tudo, mesmo sem entender nada. “O que é isso com as mãos?” {...}.* Esse momento revela a descoberta e curiosidade genuína diante de uma forma de comunicação diferente: a Libras. Ao observar um grupo de alunos surdos se comunicando com as mãos, Valentina demonstra um primeiro contato com o universo surdo e sua língua visual-espacial. A dúvida expressa na pergunta “O que é isso com as mãos?” mostra como, para quem não está familiarizado com a Libras, esse tipo de comunicação pode parecer enigmático, mas também fascinante. Valentina continua a se expressar:

(...). Com o tempo, fui percebendo que a sinalização combinava mais comigo, era algo natural. Por isso, decidi parar com as sessões de fono e pedi para continuar estudando Libras. Queria me acostumar a sinalizar. Graças a Deus, minha mãe aceitou e apoiou minha decisão. Minha família entendeu que esse era o caminho certo para mim. (Valentina, Caraúbas, 2024).

Neste trecho pode-se evidenciar, um processo de autodescoberta e afirmação identitária. Ao perceber que a sinalização era mais natural e confortável, a pessoa reconhece a Libras como sua principal forma de comunicação, o que representa um passo importante na construção de sua identidade surda. A decisão de interromper as sessões de fonoaudiologia para se dedicar ao estudo da Libras mostra autonomia

e consciência de si, revelando também uma busca por pertencimento à comunidade surda. O apoio da mãe e da família nesse processo foi fundamental, pois demonstra acolhimento, respeito pelas escolhas da pessoa surda e valorização de sua língua e cultura.

Relacionando a narração de Valentina com o relato de Vitória, percebe-se como apesar de ser um processo de esforço e dedicação, as línguas de sinais são naturais ao surdo, assim como as línguas orais são para o ouvinte. Valentina aqui se assemelha rapidamente com os outros alunos, assim como se utilizar mais do sentido visual.

Foi questionado sobre como é (hoje depois da aquisição linguística na Libras) a valorização da identidade surda. Solicitou-se que elas relatassem um momento marcante que fez com que elas compreendessem melhor esses conceitos. Vitória e Valentina afirmam, respectivamente, que:

Minha vida é muito complicada, porque às vezes sinto uma diferença entre mim, como surda, e os ouvintes. Eu compreendo mais a Libras, tenho mais conhecimento e incorporei essa língua como parte da minha identidade. Entendo tudo quando é em Libras a comunicação com os ouvintes é difícil, pois eles falam muito rápido e eu não consigo acompanhar. Por isso, sinto que me expresso e compreendo melhor em Libras — é a língua que representa que eu me identifico. Libras, para mim, tem um significado muito especial. Eu sinto e entendo o valor da Libras — ela representa identidade, expressão e valorização. Para mim, a Libras é mais clara do que a fala ou a audição, porque muitas vezes não consigo compreender o que é falado. É algo muito diferente. Desistir? Nunca. Eu gostava de ouvir, de perceber as pessoas falando. Achava interessante assistir TV e conseguir escutar o que estavam dizendo. E a música? Nossa! Eu amo escutar música! Porque a música é emocionante. (Vitória, Caraubas, 2024).

Vitória, revela a vivência real de uma pessoa surda diante das barreiras comunicacionais com ouvintes e, ao mesmo tempo, a força simbólica que a Libras representa em sua vida. A dificuldade em acompanhar a fala rápida dos ouvintes destaca um dos principais obstáculos enfrentados por pessoas surdas na convivência social e a falta de acessibilidade comunicacional. Em contrapartida, ao afirmar que se expressa e compreende melhor em Libras, Vitória reafirma sua identidade linguística e cultural.

A Libras, nesse contexto, não é apenas um meio de comunicação, mas um elemento de pertencimento, autoestima e dignidade. Quando ela diz que “sente” e “entende” o valor da Libras, fica evidente que essa língua está profundamente ligada à sua história, à sua forma de existir no mundo e à valorização de sua trajetória como sujeito surdo. É um testemunho que reforça a importância do reconhecimento, da promoção e do respeito à Libras como direito e como identidade. Valentina também relata sobre sua identidade, vejamos:

Minha identidade surda é híbrida, isso significa que nasci ouvinte e, posteriormente, por causa de uma doença, perdi a audição. Eu percebia que a comunidade surda entendia melhor o mundo de forma visual, e via uma evolução mais significativa nela do que na comunidade ouvinte. Quando eu frequentava a fonoaudióloga

que é uma área voltada para os ouvintes me sentia deslocada. Aprender a falar era algo demorado e, muitas vezes, eu não entendia tudo. Me sentia estranha naquele ambiente. Já na comunidade surda, tudo é mais acessível, mais claro. É possível compreender tudo com mais facilidade, porque a língua é a mesma para todos: a Libras sinto que aprendo de verdade é que estou evoluindo. Minha mente funciona de forma visual, como é natural para as pessoas surdas. (Valentina, Caraúbas, 2024).

A vivência de uma identidade surda híbrida revela um percurso de reconstrução pessoal marcado por desafios e descobertas. Ao perder a audição Valentina passou por um processo de resignificação de sua identidade e da forma como se relaciona com o mundo. Nesse contexto, a aproximação com a Libras e com a cultura surda se torna uma alternativa legítima e significativa de expressão e pertencimento. Perlin (2016, p. 64.) afirma que na identidade surda híbrida, “o sujeito nasce ouvinte e perde a audição e posteriormente passar a ser surdo, esta pessoa vai estar sempre presente nas duas línguas, mas sua identidade vai sempre ao encontro das identidades surdas”. Essa construção híbrida mostra que existem múltiplas formas de ser surdo e que todas são válidas e merecem reconhecimento.

As narrativas se relacionam, principalmente, no que diz respeito a forma de identificação, a perspectiva visual da Libras, faz os surdos compreenderem o mundo e assim conseguem se expressar fluidamente, se utilizando de todos os artifícios que uma língua dispõe, como Valentina retratou acima. Valentina mostra uma experiência significativa de aprendizagem, onde ela percebe que sua evolução ocorre de forma mais natural ao utilizar a Libras. Essa sensação está diretamente relacionada à forma como sua mente organiza e compreende o mundo: por meio de imagens, movimentos e representações visuais. Para sujeitos surdos, a construção do pensamento frequentemente ocorre em uma lógica visual, o que torna a Libras não apenas um instrumento de comunicação, mas uma ferramenta essencial de construção de conhecimento.

Strobel (2008). ressalta que a pessoa surda desenvolve uma inteligência visual que influencia diretamente sua forma de pensar, aprender e se expressar. Ela afirma que, ao utilizar a Libras como língua de instrução e interação social, o sujeito surdo acessa o saber de maneira mais autêntica e significativa, pois a língua está em sintonia com seu modo natural de apreender o mundo. Dessa forma, aprender em Libras não significa apenas adquirir uma nova linguagem, mas reconhecer e valorizar uma forma própria de existir e se desenvolver intelectualmente. A língua sendo expressada como algo que preenche uma lacuna, e que torna possível algo que antes não era. Muitos surdos ao perderem a audição não tem a oportunidade vislumbrada pelas entrevistadas, geralmente, não se encontra apoio da família, não há aceitação ou, muitas vezes, não tem acesso à informação o suficiente para exigir seus direitos.

Foi solicitado que descrevessem os desafios e possibilidades de se tornar surdo, relatando suas principais memórias desses momentos. Veja abaixo as reflexões feitas for Vitória e Valentina:

Minha memória mais marcante foi na cidade de São Paulo, por causa da fonoaudióloga. Ela realmente queria me ajudar no meu desenvolvimento. Parecia que, no começo, ela achava que eu iria desistir, mas sempre me dizia: “Não, você pode! Não pode desistir!” Ela sempre cobrava minha atenção, explicava que, para aprender visualmente, é preciso ter muita atenção. Ver ela sinalizando para mim foi algo que me marcou muito, principalmente porque outros professores não queriam me ensinar. Eles pensavam que eu só sabia o básico e que não era fluente, mas eu sabia sim, eu lembrava das coisas, minha percepção era diferente. Por exemplo, aqui na universidade ou mesmo fora de casa, as experiências não são iguais, a percepção muda, é diferente. Mas o que mais me marcou mesmo foi o foco e a dedicação daquela fonoaudióloga. Isso ficou gravado na minha memória (Vitória, Caraúbas, 2024).

Vitória descreveu possibilidades em relação ao surdo, e descreve memórias felizes, deixando claro a importância dos agentes envolvidos no processo de ensino de um aluno que perdeu a audição, os profissionais, educadores são basilares no processo de desenvolvimento de uma língua. A forma como está fonoaudióloga, por exemplo, realizou a abordagem, implicou não apenas em uma fase, mas gerou memórias que a aluna carrega consigo até os dias de hoje, ao longo de sua trajetória acadêmica. Dessa forma faz-se necessário refletir questões como estas, dentro dos contextos de ensino de Libras na universidade, é preciso rever as práticas de abordagens utilizadas para cada aluno e compreender amplitude que tem a conduta do educador, sendo que esta pode encorajar ou desencorajar o avanço do surdo. Valentina expressa que:

Na sociedade ouvinte, tenho amigos surdos também, mas às vezes é difícil. Eles conversam entre si oralmente, e eu fico sem entender. Preciso perguntar: “Ei, o que você está falando?” E, mesmo quando respondem, explicam só por cima, fazem um resumo e não me contam tudo. Isso me faz sentir excluída. Por isso, acredito que a comunidade surda é melhor para mim do que a ouvinte. Sinto que a aprendizagem, a evolução e a motivação são muito diferentes entre as duas comunidades. Na comunidade surda, me sinto incluída, compreendida e capaz de crescer. (Valentina, Caraúbas, 2024).

Valentina expressou, diferentemente da anterior, desafios de se tornar surdo. Ela destaca ano decorrer de seu discurso a dificuldade de comunicação com pessoas ouvintes, mais especificamente em situações onde ela não compreende a conversa e solicita que repitam o que foi falado para ela. Ela relata que se sente excluída dos assuntos, pois quando falam para ela, resumem a história. Realidade muito diferente dos surdos, que além de utilizarem a mesma língua, são excelentes descritores da conversação, permitindo que ela possa se sentir melhor na comunidade surda.

Muitas vezes, os ouvintes não compreendem o surdo, chegando a conclusões equivocadas de que eles não compreendem nada, mesmo que se explique, muito se acredita que o surdo não tem capacidades, levando a situações desconcertantes como no relato de Valentina.

Por fim, foi questionado desta vez não acerca do passado ou presente, mas acerca do futuro, as entrevistadas foram indagadas sobre seus sonhos e projetos pessoais, coletivos junto à comunidade surda. Vitória e Valentina denotaram que:

Meu principal objetivo é me tornar professora e poder lecionar na educação infantil, com pessoas surdocegas e também com pessoas idosas. Muitas vezes, os idosos acabam se esquecendo da Língua de Sinais por falta de prática, mas acredito que é possível retomar esse aprendizado. Com motivação, eles podem continuar evoluindo, manter a fluência e seguir se comunicando bem em sua língua. (Vitória, Caraúbas, 2024).

Vitória expressa um propósito de vida claro e inspirador, que vai além da escolha profissional, ela revela o desejo de promover inclusão, acessibilidade e transformação social por meio da educação. O fato de querer atuar com crianças, pessoas surdocegas e idosos demonstra sensibilidade, empatia e compreensão das necessidades de diferentes grupos, frequentemente, marginalizados no sistema educacional tradicional.

Além disso, destaca o papel do educador como agente de transformação, capaz de criar espaços acessíveis e respeitosos, onde todos possam aprender e se desenvolver. Valentina também tem planos e sonhos, vejamos:

No futuro, tenho o desejo de criar uma escola bilíngue em Mossoró. Já tivemos muitas conversas e manifestações em torno dessa proposta, mas, infelizmente, a prefeitura nunca aprovou o projeto. Sabemos que, às vezes, a aprovação de iniciativas assim podem demorar, mas o fato é que, até hoje, nenhuma escola bilíngue foi implementada por lá. Esse desejo de ver a criação de escolas bilíngues não se limita apenas a Mossoró, também gostaria de ver esse avanço aqui em Caraúbas. Porém, é fundamental que haja uma organização nesse processo. Cidades como Caraúbas, Mossoró, Apodi e Campo Grande também necessitam de escolas bilíngues, onde toda a comunicação seja feita através da Libras. Isso inclui professores, secretários, diretores, todos devem saber Libras. Hoje, vemos muitos surdos desistindo de estudar justamente por causa da falha na comunicação. Muitos professores ainda preferem utilizar apenas a oralização, falando enquanto escrevem de costas para os alunos surdos. Como o aluno surdo pode aprender ou evoluir assim? Além disso, há muitos surdos que vivem em áreas rurais e acabam ficando escondidos dentro de casa, pois suas famílias não sabem nada sobre a surdez ou sobre como se comunicar. Muitos ainda acreditam que a surdez é uma doença. Mas não tem nada a ver com isso. Por isso, todos os anos, realizamos a Caminhada do Dia do Surdo, para mostrar o poder da comunidade surda. Esse desejo de ver a criação de escolas bilíngues não se limita apenas a Mossoró, também gostaria de ver esse avanço aqui em Caraúbas. (Valentina, Caraúbas, 2024).

No final do seu relato, Valentina revela um anseio legítimo por equidade no acesso à educação para a comunidade surda. Ao mencionar Mossoró e Caraúbas, destaca-se o desejo de ver a expansão de políticas públicas que garantam o ensino bilíngue em Língua Portuguesa e Libras, em diferentes regiões, especialmente nas cidades do interior. Nesse sentido, a Lei nº 14.191/2021, que altera a LDB, estabelece:

§ 3º A educação bilíngue de surdos deve ser oferecida em Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos ou em classes bilíngues de surdos em escolas regulares, desde a educação infantil até os demais níveis e modalidades de ensino, com profissionais da educação com formação específica, materiais didáticos e recursos adequados.

(BRASIL, 2021, Lei nº 14.191/2021).

Essa citação reforça a importância legal de garantir um ambiente educacional adequado às necessidades linguísticas da comunidade surda, o que inclui o incentivo à criação de escolas bilíngues não apenas nos grandes centros urbanos, mas também em cidades interioranas como Caraúbas. Isso mostra a consciência da importância de uma educação que respeite as especificidades linguísticas e culturais dos surdos, promovendo uma aprendizagem mais significativa e equitativa em todo o país.

É notório que ambas entrevistadas demonstram seus anseios pelo ensino de surdos, o avanço de escolas que atendam as demandas linguísticas e culturais dos surdos. É possível destacar a necessidade urgente expressada por elas, para que os surdos, hoje, tenham uma nova perspectiva, não desistam da escola e consigam conquistar seus próprios espaços.

Já se percebe os avanços da legislação, embora saibamos que ainda existem lacunas e que a luta continua pela implementação efetiva das leis. A luta segue por visibilidade do surdo, da Libras, por melhores condições de educação e pela presença de tradutores-intérpretes e guia-intérpretes de Libras em diversos âmbitos sociais. Entretanto, muito já se tem conquistado, as duas entrevistadas por exemplo, participam da UFERSA campus Caraúbas, uma como aluna e a outra professora, no curso de Letras-Libras, onde vê-se seus direitos sendo assegurados. Vale-se destacar a importância dessas duas mulheres surdas adentrarem o ensino superior, numa universidade, pública, gratuita e federal. Onde dispõe do serviço de interpretação nas aulas, reuniões, planejamentos e demais momentos formativos. É uma resistência e também é um empoderamento essas mulheres surdas estarem em um curso de licenciatura, formando novos surdos e surdas seja na educação básica, seja no ensino superior.

CONSIDERAÇÕES

O objetivo desta pesquisa foi analisar as memórias e as experiências de pessoas com perda auditiva no curso de Letras-Libras da Ufersa. Percebeu-se que esse estudo atingiu o objetivo, pois ampliou o olhar sobre a surdez como expressão da diversidade linguística e cultural, buscou-se evidenciar a importância da valorização da Libras e da construção de uma educação bilíngue. As experiências vividas por sujeitos que perderam a audição ao longo da vida, posteriormente, tiveram contato com a Libras como uma nova possibilidade de comunicação, identidade e pertencimento cultural.

A perda auditiva traz desafios não só para o sujeito, mas também para a sua família, que tem que lidar com os impactos emocionais e sociais do diagnóstico e com a mudança para uma nova vida. Essa mudança pode trazer sentimentos intensos de medo, insegurança e até negação. A falta de entendimento sobre os assuntos como: surdez, Libras e a cultura surda, muitas vezes, leva as famílias em busca de soluções

que priorizem a normalização por meio da fala e do uso de aparelhos auditivos, sem ver a importância da Libras como meio natural e essencial para o desenvolvimento da linguagem e da identidade da criança surda. A aprendizagem da Libras como segunda língua é um desafio essencial: principalmente quando o aprendizado vem depois que a primeira língua em formação.

Com as análises, observou-se os efeitos da perda auditiva que refletem além do nível pessoal, influenciando o grupo familiar e o convívio social. Destacou-se o ambiente familiar como o primeiro lugar em que a criança aprende a se relacionar e socializar os primeiros momentos da vida para crescer feliz e completa. Ao entrar na escola, é preciso garantir para a criança surda uma educação bilíngue, a presença de profissionais bem preparados e o uso de materiais educativos bilíngues.

Os relatos das surdas pesquisadas mostram medos e resistências de quem tem preconceito com a cultura surda; que vão desde membros da família até os diversos segmentos sociais. No entanto, valorizar a Libras e reconhecer a surdez como diversidade cultural sem considerá-la deficiência são modos essenciais para romper com barreiras para promover uma educação bilíngue. Mesmo com muitas dificuldades, é pertinente observar que a perda auditiva e a surdez não representam barreiras insuperáveis, tampouco diminui o valor ou as capacidades das pessoas, na verdade, elas podem ser fontes de força, resistência e empoderamento sendo referência para os demais surdos.

Ao se deparar com os relatos das surdas sobre os medos e as resistências enfrentadas, especialmente no ambiente familiar e social, é notório o quanto ainda é necessário desconstruir visões limitadas sobre a surdez, enxergar a surdez como uma expressão de diversidade cultural e não como deficiência, essa visão amplia a percepção sobre o papel do professor. Isso exige sensibilidade, respeito e, acima de tudo, compromisso com uma educação bilíngue. Romper com preconceitos e barreiras linguísticas é também uma tarefa pedagógica, que começa na sensibilidade e no reconhecimento da identidade surda como legítima. Essa mudança de olhar contribui diretamente para a formação profissional, porque os desafia a construir práticas mais humanizadas.

As discussões desenvolvidas contribuíram para ampliar o entendimento sobre o papel do educador, que deve ser sensível à diversidade linguística e cultural presente em sala de aula. Valorizar a Libras, reconhecer a surdez como diferença e promover espaços verdadeiramente inclusivos são atitudes fundamentais para romper barreiras e garantir uma educação que respeite as identidades surdas. Este trabalho abordou sobre os desafios enfrentados por pessoas que perderam a audição ao longo da vida, refletindo sobre suas experiências de reconstrução identitária e de inserção na cultura surda.

Para além disto, este estudo reafirma a importância de criar ambientes familiares, escolares e sociais que proporcionem acesso pleno e precoce à Libras; incentivem o uso da Libras em todos os contextos e ofereçam suporte às famílias. Esse conjunto de fatores é fundamental para garantir que indivíduo surdos possam superar desafios, desenvolver plenamente suas capacidades linguísticas e cognitivas, e construir uma identidade que os valorize em sua singularidade, promovendo sua participação ativa na sociedade.

Portanto, considera-se que a surdez adquirida, longe de representar uma limitação, pode ser compreendida como um ponto de virada que leva ao fortalecimento pessoal, à resistência e à reconstrução de novos vínculos sociais e linguísticos. Dessa forma, o educador que compreende essa realidade passa a atuar com mais empatia, consciência crítica e compromisso com a educação, tornando-se um agente transformador no processo educacional. Assim, este estudo não se esgota neste momento, podendo-se propor para o futuro um estudo sobre a temática que possa ampliar a discussão sobre a aquisição linguística da Libras por surdos que sofreram perda auditiva.

REFERÊNCIA

ABANDONO À INCLUSÃO. Boletim de Conjuntura (BOCA)., Boa Vista, v. 8, n. 24, p. 74–86, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5750230. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/510>. Acesso em: 6 set. 2024 **BRASIL.** Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Reconhece a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 3 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a organização da educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 4 ago. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14191.htm. Acesso em: 21 maio 2025

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 147, n. 169, p. 1-2, 2 set. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/L12319.htm. Acesso em: 18 jun.

2025. BRASIL. *Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 4 ago. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14191.htm. Acesso em: 26 jun. 2025.

Brites, Luciana. Qual a importância da memória no processo de aprendizagem? Instituto NeuroSaber, 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/qual-a-importancia-da-memoria-no-processo-de-aprendizagem/>. Acesso em: 15 maio 2025.

Coelho, Luana; **Pisoni**, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. Revista e-PED, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012.

CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves. **Os efeitos da aquisição tardia da Língua de Sinais no desenvolvimento de crianças surdas: o que revelam as pesquisas**. Revista do GELNE, Natal/RN, v. 25, n. 3, e32204, set. 2023.

Carvalho, Vilmar Fernando; **Regina**, Ana; **Campello**, Souza. A EXISTÊNCIA DE QUATORZE (14). IDENTIDADES SURDAS. Humanidades & Inovação, v. 9, n. 14, p. 145- 147, 2022.

Ferreira, Duana Deys Gonçalves de Souza. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DO SURDO. 2021. Dissertação de Mestrado.

Gil, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
Gesser, Audrei. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Honora, Márcia. *Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização: ensino fundamental, 1º ciclo* / Márcia Honora. – São Paulo: Cortez, 2014.

Hall, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Karnopp, L. *Língua de Sinais Brasileira: A Educação de Surdos e a Aquisição Linguística*. Porto Alegre: Editora ARTMED, 2014.

Lakatos, Eva Maria; **Marconi**, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

Monteiro, Rosa. Surdez e diagnóstico: narrativas de surdos adultos. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 32, n. esp., p. 1-7, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/JwGQVSPqRm7mWwNn359jvJz/?format=pdf>. Acesso em: 23 set. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

SILVA, T.T. Contrabando, incidentes de fronteira: ensaios de estudos culturais em educação. Porto alegre, 1998.

SOUZA, Stefani Eduarda Alves de Lima. *Influências da família na construção da identidade surda: estudo de caso de discentes do curso de Letras-Libras da UFERSA/Caraúbas*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Libras). – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/items/2e85852b-787c-4d02-ae33-d22508779974>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 360 p.

PERLIN, G. T. T. O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação).

PIZZIO, A.; **QUADROS**, R. A aquisição de línguas de sinais: estudos sobre crianças surdas. In: **PIZZIO**, A. (Org.). *Aquisição da Linguagem: Estudos em Línguas de Sinais e Línguas Orais*. Porto Alegre: Editora, 2011. p. 123-145.

PERLIN, Gladis T.T. Identidades surdas. In Skliar Carlos (org). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. 8 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016.

QUADROS, RONICE MÜLLER DE. LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS. SÃO PAULO: PARÁBOLA EDITORIAL, 2006

QUADROS, Ronice Muller; **CRUZ**, Carina Rebello. *Aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança surda*. In: . *Língua de sinais: instrumento de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011. Cap. 1. p. 16.

QUADROS, R. M. Libras: a língua dos surdos no Brasil. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. p. 45.

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de Surdos: A aquisição da linguagem*. – Porto Alegre: Artmed, 1997.

ROLDÃO, Michelle Mélo Gurjão; **SANTOS**, Rosilda Maria Araújo Silva dos; em:file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/os+efeitos+da+aquisi%C3%A7%C3%A3o+vers%C3%A3o+final.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

RELLY, Rejane Christine de Oliveira. **Famílias ouvintes de crianças surdas: a construção da diferença**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. *Biblioteconomia e Documentação*, v. 17, p. 1-15, 2021.

STROBEL, Karin. *Surdos: caminhos para uma nova identidade*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO. *Portal institucional*. Disponível em: <https://ufersa.edu.br/>. Acesso em: 2 maio 2025.

VIEIRA, Andrêza BC; **MANCINI**, Patrícia; **GONÇALVES**, Denise U. Doenças infecciosas e perda auditiva. *Rev Med Minas Gerais*, v. 20, n. 1, p. 102-6, 2010.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. 182 p. (Psicologia e Pedagogia).